MONTE ESPERANÇA
INSTITUTO BÍBLICO
CONVENÇÃO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS EM PORTUGAL

Gregório o Grande – A Igreja no Governo Romano

por Joel Costa

Monografia elaborada para a
Disciplina História da Igreja I
do docente António Gonçalves

FANHÕES

06 de dezembro de 2021

I. ÍNDICE

II. INTRODUÇÃO

Nesta investigação a alguma documentação e produções existentes sobre o papado e a ascensão do mesmo, procuraremos, focando-nos no Papa Gregório I, igualmente conhecido como Gregório o Grande ou Gregório Magno, perceber o impacto que o mesmo teve no fortalecimento do poder papal e em que circunstâncias esse fortalecimento ocorre.

Um aspeto que procuraremos considerar será a queda do Imperio Romano e a forma como o pano de fundo histórico de uma igreja perseguida passa a ser perseguidora, bem como a ausência de um poder político leva ao crescimento de um poder religioso diremos até substitutivo das suas responsabilidades que culminam na figura papal.

Não obstante desta contextualização, a nossa análise irá centrar-se sobretudo na pessoa de Gregório I e como a execução do seu papado leva à consolidação do poder papal na sociedade europeia.

Por outro lado, tentaremos compreender como é que esta função acaba por consolidar a sua posição quer no seio da igreja, quer também no que respeita à organização político social na Europa antes da era Medieval e a importância que a reorganização administrativa da igreja no período pós patrística teve na organização eclesiástica.

Outro aspeto que procuraremos abordar é o apoio de Gregório ao monasticismo, e os resultados práticos desse apoio no que concerne à ação pacificadora que o próprio procura impor dentro do império romano e mais concretamente na cidade de Roma

III. O PANO DE FUNDO

1. Condições Políticas - decadência do Império Romano a um Novo Bispo

Quando abordamos os grandes impérios que assumiram o controlo da Europa, Médio Oriente, Asia Menor e Norte de África, recordamos a sua opulência e grandeza, contudo muitas vezes esquecemos o ponto fulcral, a queda e decadência que dão lugar a outro império. O império de Roma não foi exceção.

Durante séculos, Roma foi vista como o ex-libris do mundo conhecido. Do século V a.C. até ao século V, com a deposição do Imperador Rómulo Augústulo, o Imperio Romano a base perfeita para a dinamização quer do Evangelho na era apostólica, como posteriormente para a perseguição aos cristãos na Era pós apostólica e inicio da Idade das trevas.

Importa, contudo, referir que no período da patrística pós-apostólica, a grandiosidade do império é apenas aparente. Com Augusto e os seus principais sucessores, Tibério, Vespasiano, Tito, Trajano, Adriano e Marco Aurélio, Roma conhece o seu maior esplendor, contudo entra rapidamente em decadência, com imperadores débeis e torpes e a degeneração do sistema político do império, a queda é iminente.

O império começa a perder a sua força e os cristãos por não cultuarem o imperador começam a ser considerados a causa dessa detioração. Caracala no século III para tentar recriar a hegemonia do império concede então a cidadania a todos os habitantes livres do império. Diocleciano tenta no final deste século a reestruturação económica do império, com várias medias entre elas a divisão do Império em quatro regiões, a Tetrarquia, dissolvida posteriormente por Constantino que tenta consolidar o seu poder com dois arquimimos, os bárbaros e os cristãos que com o Édito de Milão proclama a Liberdade Religiosa. Uma política seguida por Teodósio que em 380 com o Édito de Tessalónica coloca o cristianismo como a Religião Oficial do Estado, ordenando igualmente o fecho de todos os templos pagãos. Após a sua morte o império é divido pelos seus dois filhos, ficando dividido permanentemente entre Oriente, entregue a Arcádio e Ocidente sob o governo de Honório. Neste período começam as invasões dos povos bárbaros com os Visigodos a tomarem Roma em 401, e sucessivas invasões que culminam na deposição de Rómulo Augústulo, em 476.

O cargo papal face a esta conjuntura política decadente, começa a afirmar-se. Neste período o bispo de Roma, Leão, assume funções além do cuidado espiritual do povo:

Na Itália, a vida política estava dividida em partidos. A única autoridade era o papado. Desde Leão I, o papado transformara-se em um poder de características peculiares. Leão era um sacerdote e político, um aristocrata romano, e não podia conceber que Roma, a mãe do Império viesse a se tornar algum dia uma província do Oriente.[1]

A rutura política evidenciada, levou a uma rutura religiosa, e os diversos papas, resultantes da hierarquia eclesiástica herdada do século IV, onde os patriarcas serviram nas cinco sés, Roma, Alexandria, Antioquia, Jerusalém e Constantinopla, e do legado deixado por Leão I, que é considerado o primeiro papa e que conseguiu a preservação de Roma face às invasões e Atila o huno, acabam por ser usados pelos diversos reis e imperadores orientais, até ao papado de Gregório o Grande em 590.

[1] DREHER, M. N. (2001). A Igreja no Império Romano. Sinodal: Porto Alegre. P93

IV. GREGÓRIO I

1. Biografia de Gregório o Magno

Gregório I, foi Bispo de Roma, e por consequência Papa, desde 590. Nasceu de uma família patrícia, foi, antes de assumir o papado, perfeito de Roma entre 572 e 573. Dois anos depois passa a viver no seu palácio em Roma, que converte em mosteiro. A sua ascensão ao lugar de papa acontece de forma natural, dado que em 579 o papa Pelágio II nomeou-o delegado de Constantinopla, tendo-o escolhido para seu conselheiro em 585. Após a morte do seu mestre é então eleito como papa, pelo povo e pelo clero romano.

Numa altura em que uma praga assolava a cidade de Roma, Gregório aceita o cargo com relutância, tendo morrido catorze anos depois, a 12 de março de 609, tendo escrito ao imperador que não ratificasse a sua nomeação, carta que seria intercetada pelo governador, que necessitava do apoio de um papa como Gregório, para governar a cidade.

Em 1295, é reconhecido oficialmente, como Mestre da Igreja, título póstumo dado pelos seus sucessores nomeadamente por Bonifácio VIII.

2. Marco no Poder Papal

Gregório I, Gregório o Grande ou Gregório Magno, foi um marco no poder papal, e dá início à ascensão do movimento monástico, mesmo antes de se tornar papa, dando força o monasticismo beneditino, originado por Bento de Núrsia, com estabilização de paz nas fronteiras do império, o cultivo de campos abandonados, e a edificação de mosteiros, que viram a tornar-se os centros de cultura da Europa

Gregório Magno começa igualmente a ter um trabalho de bastidores, procurando em primeira instância consolidar os estados pontifícios contra as invasões lombardas, procurando igualmente, no âmbito da sua missão pastoral, procurou de imediato reestruturar a administração das propriedades da igreja, procurando estabelecer um projeto de segurança social.

> ele recuperou para igreja romana a renda do "património de São Pedro" e foi capaz de prosseguir em sua política de sustentar os destituídos, os excluídos e outras vítimas da "insegurança de nossos tempos."[2]

[2] WALKER, W. (2006). História da Igreja Cristã. São Paulo: ASTE. P253

Por outro lado, Gregório desde cedo, procurou tratar o tema das invasões Lombardas e de forma autónoma, sem conselho do governador em Ravena, avançou para o pagamento de tréguas, forçando assim o imperador Maurício a avançar com a mesma medida, uma vez que tinha a visão da necessidade de paz, quer da debilidade militar da Itália, tendo-se estabelecido desta forma como o principal benfeitor do povo italiano, bem como um governante virtual na Itália central.

Gregório desta forma impulsionou os seus sucessores, três séculos depois a renegarem a autoridade do império ocidental, culminando num poder administrativo da igreja no ano 800, quando o papa Leão III coroou o imperador Carlos Magno.

No período de peste na cidade de Roma, Gregório decretou igualmente uma aproximação a Deus, por parte de toda a cidade, para perdão divino. Preconizou ainda o movimento missionário junto dos povos saxões tendo conseguido a aproximação dos mesmos ao cristianismo, com o envio de missionários para Inglaterra.

Gregório, pela decadência do estado romano, torna-se assim num regulador do ofício ministerial, levando a igreja para o vazio existente no que respeita à paz romana, que caíra por terra com as diversas invasões do império, mas também por recusar à igreja do Oriente, e nomeadamente ao rei de Constantinopla o título de Patriarca Ecuménico, declarando-se "servus servorum Dei", que significa servo dos servos de Deus. Este título passou a ser o título oficial dos papas até aos nossos dias. Por outro lado, a palavra papa significa "pai", contudo este termo, na igreja ocidental ficou ligada exclusivamente ao bispo de Roma, no Oriente, o termo continuou a ser utilizado de uma forma mais liberal.

Enquanto no oriente a igreja se manteve sob o domínio do imperador, no Ocidente, e pelas iniciativas de Gregório, a igreja passa a apossar-se das funções de um império desaparecido, ponto fulcral é, contudo, a autoridade que a figura papal teve durante a idade média. Inclusivamente, a própria organização dos cinco pontificados tem uma origem política e não apostólica.

3. Serviço Eclesiástico

Apesar de todos os esforços desenvolvidos na ação de manter a paz em Roma, Gregório dava também importância à pregação pelo que dedicou parte dos seus esforços a pregar nas diversas igrejas de Roma e procurou que todo o clero desse atenção a esta função da Igreja.

Ainda assim, Gregório veio estabelecer uma política de humidade financeira na igreja, proibindo os luxos com que alguns se tinham acostumado, bem como limitar os pagamentos recebidos pelos clérigos recebiam pelos seus serviços.

Não reclamando para si a autoridade universal que Leão I tinha reivindicado antes, acabou por tomar diversas ações para que a sua autoridade fosse reconhecida em diversas regiões, aproveitando os seus contactos para pedir aos governantes que ajustassem os costumes eclesiásticos nos seus domínios e solicitando honras especiais a determinados bispos.

A nível eclesiástico Gregório escreveu diversas obras, algumas das quais ainda disponíveis hoje, mas procurando manter o ensino cristão.

Para Gregório, bastava-lhe ser discípulo de Agostinho e "porta-voz" da antiguidade Cristã, embora o dogma do purgatório tenha sido adotado no período do papado de Gregório, bem como o reforço do celibato episcopal. É no fim do papado de Gregório que o latim começa a ser utilizado nas celebrações litúrgicas.

V. CONCLUSÃO

Com este estudo, pudemos aferir a importância que a capacidade administrativa de Gregório Magno teve num período relativamente curto da história da igreja, no sentido de desenvolver uma hegemonia dentro de um império caído.

O facto de o poder político de Roma ter entrado em decadência, e a necessidade de preservar a paz e a segurança dos cidadãos de Itália, levou a que o coração pastoral de Gregório zelasse por essas necessidades do povo italiano, assegurando os deveres do estado através da igreja.

Assim o poder papal assume-se como um poder administrativo e não teológico, não obstante dos seus escritos e na procura da defesa da cristologia exercida por Gregório, a maior evidência do seu trabalho foi na gestão administrativa da igreja e dos seus bens e da classe eclesiástica, bem com a gestão da crise política vivida em Roma, absorvendo assim na igreja as funções que competiam ao estado, como forma de garantir a paz para o povo.

Apesar dos seus inúmeros escritos Gregório assenta sobretudo a sua ação no campo político embora não descurando a pregação, sendo a primeira área que reforçar os poderes papais.

VI. BIBLIOGRAFIA

BERKHOF, L. (1992). *A História das Doutrinas Cristãs.* São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas.

Cultural, E. E. (2007). *Consultor Universal do Estudante - História Universal.* Móstoles: aupper.

DREHER, M. N. (2001). *A Igreja no Império Romano.* Sinodal: Porto Alegre.

GONZALEZ, J. L. (2001). *Uma Historia Ilustrada do Cristianismo* (Vols. Volume III, A Era das Trevas). São Paulo: Vida Nova.

GONZALEZ, J. L. (2005). *Dicionário Ilustrado dos Interprets da Fé.* São Paulo: Academia Cristã.

GONZALEZ, J. L. (2011). *História Ilustrada do Cristianismo - Era dos Martires até à Era dos Sonhos Frustrados* (Vol. Volume I). São Paulo: Vida Nova.

GONZALEZ, L. J. (2003). *Retorno à História do Pensamento Cristão.* São Paulo: Hagnos.

GONZALEZ, L. J. (2004). *Uma História do pensamento cristão* (Vol. Volume 1). São Paulo: Cultura Cristã.

OLIVEIRA, M. A. (1994). *Moderna Enciclopédia Universal* (Vol. IX). Amadora: Lexicultural.

WALKER, W. (2006). *História da Igreja Cristã.* São Paulo: ASTE.